



**Revista Angolana de Sociologia**

**14 | 2014**  
**Economia informal**

---

## **Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas**

*Qualitative research: a debate around some methodological issues*

**Filomena Santos**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1058>

DOI: 10.4000/ras.1058

ISSN: 2312-5195

### **Editora**

Sociedade Angolana de Sociologia

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 Dezembro 2014

Paginação: 11-24

ISSN: 1646-9860

### **Refêrencia eletrónica**

Filomena Santos, « Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 27 setembro 2016, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1058> ; DOI : 10.4000/ras.1058

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© SASO

---

# Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas

*Qualitative research: a debate around some methodological issues*

Filomena Santos

---

## NOTA DO EDITOR

*Recebido a:* 31/Maio/2014

*Enviado para avaliação:* 3/Agosto/2014

*Recepção da apreciação:* 12/Agosto e 15/Setembro/2014

*Recepção de elementos adicionais:* 8/Dezembro/2014

*Aceite para publicação:* 9/Dezembro/2014

- 1 O presente artigo pretende ser uma reflexão sobre algumas das questões que se colocam à pesquisa qualitativa, normalmente criticada pela sua subjectividade, validade e representatividade. Baseia-se num percurso de investigação qualitativa acerca da coabitação conjugal na sociedade portuguesa<sup>1</sup> [Santos 2012], que utilizou como principal instrumento de recolha de informação a entrevista compreensiva [Kaufmann 1996]. Mais do que uma técnica, este tipo de metodologia, de carácter versátil, surge associado à construção de uma sociologia também ela «compreensiva».
- 2 Vários trabalhos [Aboim 2006, Almeida 1993, Dias 2004, Guerreiro 1996, Lalanda 1998, Torres 2002, Wall et al. 2010] no âmbito da sociologia da família portuguesa têm utilizado a entrevista em profundidade nas suas pesquisas, tomando como referências fundamentais as propostas de Kaufmann acerca da «entrevista compreensiva», bem como as de outros teóricos da etnossociologia [Bertaux 1980, 1997] e da *Grounded Theory* [Glaser & Strauss 1967].

- 3 Da nossa parte, a escassez de estudos sobre a coabitação na sociedade portuguesa e o desconhecimento, quase total, acerca dos significados que os seus protagonistas lhe atribuíam reforçou, ainda mais, a opção por um formato metodológico flexível, quanto à maneira de conduzir a investigação e as suas etapas, de recolher e analisar os dados, de fazer sobressair o papel da interpretação em todo o processo, muito próximo das propostas referidas.
- 4 Este texto analisa, no ponto 1 e 2, o lugar da entrevista compreensiva na sociologia, as suas potencialidades e especificidade na prática de investigação, quer na sua relação com a perspectiva etnossociológica – um modo diferente de objectivação científica? –, quer por contraponto ao modelo clássico hipotético-dedutivo, mais ligado aos métodos quantitativos e ao paradigma funcionalista [Bertaux 1980], bastante criticado por conduzir a uma “sociologia industrial” e “sem imaginação” [Kaufmann 1996].
- 5 No ponto 3 e 4 do texto, discute-se, mais especificamente, o problema da validade e representatividade dos discursos obtidos por meio de entrevistas, abordando questões como a «saturação dos dados» e a influência do género e outras características do entrevistador/investigador, susceptíveis de interferir nos resultados. Trata-se aqui de confrontar alguns dos «nós-problemáticos» que há muito se colocam à sociologia com a nossa própria experiência no terreno e as «soluções» encontradas para os ultrapassar.
- 6 Pensamos com este artigo poder também contribuir para intensificar a partilha, e a reflexão teórico-metodológica, entre a sociologia portuguesa e a investigação no continente africano, tendo em conta que muita da pesquisa que se faz em África no campo das ciências sociais é qualitativa, nomeadamente, sobre a sociedade angolana [Carvalho 2008, 2011, Patacho 2013, Rodrigues 2012].

## 1. Perspectiva etnossociológica e entrevista compreensiva

- 7 A entrevista em profundidade, utilizada no âmbito da pesquisa sobre a coabitação conjugal [Santos 2012], permitiu a recolha de dados variados e detalhados, susceptíveis de serem usados em análise qualitativa, os quais se assemelham àquilo que normalmente se designa por narrativas de vida e histórias de vida.
- 8 A «história de vida» remete para “a globalidade de uma existência”, contada na primeira pessoa, “feita de diferentes épocas ou fases”, enquanto que a «narrativa» “corresponde ao discurso de um actor sobre a sua história de vida”, ou parte dela, através da qual se procura entender “o modo como os indivíduos vivenciam o seu quotidiano, determinados acontecimentos ou momentos de transição” [Lalanda 1998: 876-7]. Ambas as noções, que acabam por ter muitos pontos de contacto, não escondem o facto da sociologia, ao utilizar a entrevista qualitativa, em particular a entrevista em profundidade, recolher simultaneamente material narrativo e autobiográfico.
- 9 Na tradição antropológica, o uso de histórias de vida não é necessariamente um registo autobiográfico, uma vez que para além daquilo que uma pessoa pode contar sobre ela recorre-se, com frequência, ao testemunho oral de outros membros da comunidade ou, ainda, a outros documentos e fontes de informação. É neste sentido que o sociólogo norte-americano Norman Denzin [1970] emprega o termo «life history», ou estudo de caso, distinguindo-o do termo «life story» que diz respeito, segundo ele, à história de uma vida contada pela própria pessoa que a viveu.

- 10 Daniel Bertaux prefere falar em “abordagem biográfica” para designar o que ele entende ser não apenas uma técnica (a recolha de narrativas de vida por meio de entrevistas) mas a construção de uma nova perspectiva sociológica, ou mais precisamente, etnossociológica [Bertaux 1980 e 1997].
- 11 É nessa perspectiva que Jean-Claude Kaufmann defende, e coloca em prática [Kaufmann 2000], a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica, privilegiando a relação aprofundada com os actores sociais, de que são exemplo a biografia, a narrativa, a história de vida e a entrevista em profundidade. O autor propõe o conceito de «entrevista compreensiva» [Kaufmann 1996], recuperando os quadros conceptuais e epistemológicos do interaccionismo simbólico e da etnologia como meio de construir «uma sociologia compreensiva».
- 12 A sociologia compreensiva, no sentido weberiano, fundamenta-se numa concepção da realidade social em que os homens não são vistos como “simples agentes portadores de estruturas mas produtores activos do social, logo depositários de um saber importante que é preciso apreender do interior, por via do próprio sistema de valores dos indivíduos” [Kaufmann 1996: 23]. Sendo assim, o processo empático a que Weber chamou “*verstehen*” [Moreira 1994: 105], e que conduz a uma atitude activa por parte do cientista social para se colocar na perspectiva dos observados, é uma etapa essencial da investigação. No entanto, conforme sublinha Kaufmann [1996], a fase de «intropatia» não é um fim em si mesma, uma vez que o trabalho do sociólogo tem por objectivo procurar interpretar e explicar, de modo compreensivo, o social.
- 13 O esforço do entrevistador para compreender intimamente a maneira como a pessoa pensa e age não deriva somente de uma postura psicológica com que, muitas vezes, a empatia se confunde. Este tipo de abordagem metodológica, inspirado na antropologia, e que consiste em considerar os entrevistados como informadores, visa desenvolver a explicação sociológica, através de uma dialéctica permanente entre reflexão teórica e realidade concreta, e colocar em evidência os processos sociais.
- 14 Mas ninguém melhor do que o próprio Kaufmann para explicar o seu conceito de entrevista (compreensiva), que ele diz resistir a uma excessiva formalização metodológica, por oposição a uma sociologia industrial e sem imaginação [Kaufmann 1996].
- 15 A entrevista compreensiva situa-se, contudo, nos antípodas de um método improvisado. Sem deixar de possuir uma forte coerência interna, baseia-se num «saber-fazer» artesanal, “numa arte discreta do *bricolage*”, e recebe a influência de escolas vizinhas: em primeiro lugar, as “diversas técnicas de investigação qualitativa e empírica, principalmente as técnicas etnológicas de trabalho com informadores. Mas, e reside aqui a originalidade (...), os dados qualitativos recolhidos *in situ* estão concentrados na palavra registada em banda magnética, que se vai tornar o elemento central do dispositivo. Logo, ela baseia-se também na técnica habitual da entrevista semi-directiva” [Kaufmann 1996: 8].
- 16 Para além de permitir o acesso ao «mundo» dos entrevistados e aos «significados» dos fenómenos descritos, a entrevista compreensiva tem ainda a vantagem de possibilitar a análise dos comportamentos através da análise dos discursos. A este propósito o autor afirma que “os etnólogos ficarão desconcertados face a este método que permite, por exemplo, analisar as práticas utilizando a palavra, e os especialistas da entrevista semi-

directiva ficarão surpreendidos ao constatar o grande número de inversões nas suas instruções habituais (sobre a neutralidade, a amostra, etc.)” [Kaufmann 1996: 8].

- 17 No nosso entender, a entrevista compreensiva inscreve-se numa constelação teórica diversificada que visa enfrentar, e superar, alguns dos dilemas que se colocam à sociologia, nomeadamente, a articulação entre «o micro e o macro», «o subjectivo e o objectivo», «o individual e o colectivo», «a observação e a reflexão».
- 18 Desde o esforço empreendido por Durkheim para conferir um estatuto científico à sociologia que a célebre fórmula de «ruptura com o senso comum» entrou no património, e no uso corrente, da disciplina sem ser, muitas vezes, objecto de questionamento. Vários autores, ao reflectirem sobre os procedimentos científicos de objectivação, chamam a atenção para o risco de uma perspectiva que relega para segundo plano as representações colectivas, as imagens e as noções construídas no dia-a-dia, em suma, «o saber comum», identificado como um «falso saber», o contrário absoluto do saber científico, no limite um «não saber», uma vez que esse tipo de posicionamento teórico-metodológico leva a excluir da análise os processos sociais simbólicos [Silva e Pinto 1986, Costa 1992].
- 19 Em relação aos dilemas da sociologia e às formas de os ultrapassar, refira-se, em particular, a ideia de uma teoria fundada sobre os factos, que emerge do terreno (*Grounded Theory*), sugerida pela primeira vez por Glaser e Strauss [1967] em finais dos anos sessenta. As propostas destes autores, que tentam reabilitar as metodologias qualitativas colocando-se do ponto de vista do interaccionismo simbólico, surgem nos Estados Unidos como reacção ao monopólio da cientificidade que durante muito tempo foi atribuído ao paradigma funcionalista (em França com o estruturalismo) e aos métodos quantitativos. Essa é, aliás, uma das razões que explicam o abandono quase absoluto das metodologias qualitativas, em particular das histórias de vida, após a 2ª guerra mundial [Bertaux 1980].

## 2. Um modo diferente de construir o objecto e fabricar a teoria?

- 20 No modelo de investigação proposto [Glaser & Strauss 1967, Strauss 1992], a elaboração teórica é construída de forma progressiva a partir do trabalho de campo. Uma tal concepção é contrária à aplicação de metodologias demasiado rígidas, e padronizadas, não só porque as hipóteses de trabalho, designadamente as primeiras, surgem muitas vezes do terreno, como também porque o investigador deverá adaptar e redefinir o seu instrumento de recolha de informação em função das descobertas, entretanto, efectuadas, e da teoria em vias de formação.
- 21 Daniel Bertaux [1997] e J. C. Kaufmann [1996] tendem a adoptar esta perspectiva, em oposição à tradição positivista inaugurada por Durkheim, a qual reduziu, segundo os autores, as possibilidades de «descoberta» e conduziu a sociologia a um impasse. Rejeitam também, por outro lado, certos «derivados» do modelo clássico que fazem depender a objectivação científica da técnica metodológica em detrimento da teoria. Os autores criticam fortemente o formalismo metodológico e a sofisticação dos instrumentos que escondem, muitas vezes, uma interpretação rudimentar. Aliás, a interpretação, encarada frequentemente com suspeição por ser considerada desfavorável à neutralidade científica, não é aqui evitada, antes pelo contrário, constitui um elemento decisivo de

todo o processo, quer para conduzir as entrevistas de modo eficaz, quer para produzir as hipóteses e a teoria.

- 22 Bertaux, tal como Kaufmann, defende mesmo a construção das hipóteses a partir do terreno, num «vaivém» constante entre a construção teórica e a realidade empírica [Bertaux 1997]. Ambos rejeitam uma concepção neopositivista de análise – *data analysis* –, encarada como uma fase posterior à colecta. Consideram que «a análise» existe ao longo de todo o percurso da investigação e consiste em construir progressivamente uma representação do objecto sociológico. Para Bertaux, este tipo de abordagem “assemelha-se mais à do antropólogo de terreno do que à dos sociólogos utilizando inquéritos por questionário” [Bertaux 1980: 213].
- 23 Nesta linha de ideias, Kaufmann defende uma modalidade específica de ruptura com as categorias de pensamento do senso comum e as apreciações subjectivas, que se confunde ela própria com a construção do objecto, que avança também de forma progressiva, em contraste com uma concepção demasiado radical da chamada «ruptura epistemológica» associada ao modelo clássico. A este propósito o autor defende, portanto, uma ruptura progressiva, típica do trabalho qualitativo e de uma abordagem compreensiva, capaz de analisar o objecto em várias dimensões, incluindo as dimensões simbólicas, mais próxima das articulações e dos processos, capaz também de fazer sobressair um «relevo» difícil de obter pelas técnicas da quantificação<sup>2</sup>.
- 24 No modelo clássico de objectivação científica, que Kaufmann propõe inverter, as etapas de investigação seguem uma evolução perfeitamente delineada: primeiro a formulação das hipóteses, de preferência fundamentada numa teoria já consolidada, e quase sempre “oriunda das academias ocidentais”<sup>3</sup> [Patacho 2013: 108], depois a construção de um dispositivo de verificação que termina, geralmente, na sua confirmação [Kaufmann 1996]. A metodologia da entrevista compreensiva corresponde a um modo diferente de construir o objecto e de fabricar a teoria. Esta perspectiva integra os dois elementos (teoria e método) do modelo clássico mas inverte as suas fases: “o terreno deixa de ser uma instância de verificação de uma problemática pré-estabelecida mas o ponto de partida desta problematização. (...) O objecto constrói-se pouco a pouco, através de uma elaboração teórica que progride dia após dia, a partir de hipóteses forjadas sobre o terreno” [Kaufmann 1996: 20 e 22]. Neste ponto, Kaufmann distancia-se de uma concepção mais radical que consiste em partir para o trabalho de campo sem nenhuma ideia «em mente» ou «questão de partida». Referindo-se ao autor da *Grounded Theory* ele afirma: “Anselm Strauss vai mesmo ao ponto de aconselhar o investigador a mergulhar no terreno para descobrir as primeiras hipóteses. Eu prefiro, pessoalmente, partir com uma ideia na cabeça” [Kaufmann 1996: 22].
- 25 Independentemente da discussão acerca da necessidade de elaborar uma hipótese inicial, ou esboço de hipótese, antes de partir para o terreno, a ideia mais importante a reter é a de que, neste modelo, a problemática teórica deixa de estar fixada fundamentalmente na fase inicial da pesquisa. Mais ainda, o protocolo de entrevista deixa de ser concebido, única e exclusivamente, como um instrumento de recolha de dados impessoal e de verificação da problemática pré-definida. O trabalho de campo, neste caso concreto o contacto directo com os entrevistados e a grande riqueza do material informativo, constitui um terreno fértil para a «descoberta» e relançamento de novas questões (problemáticas). Todos estes elementos, conceptuais e empíricos, dão corpo ao modelo teórico que vai sendo construído paulatinamente ao longo da pesquisa.

- 26 No nosso caso, não se seguiu inteiramente as propostas mais radicais em pesquisas qualitativas baseadas em análise compreensiva, nomeadamente, quanto à definição apriorística de hipóteses, devido à existência de premissas, questões e objectivos prévios contidos no modelo de análise. No entanto, desenvolveram-se procedimentos semelhantes, quer através de uma lógica que concebe a construção do objecto como um processo, e não como uma etapa inicial, quer através de uma análise compreensiva, e em profundidade, das entrevistas.

### 3. O problema da validade e representatividade dos discursos

- 27 O problema da validade dos resultados e da sua generalização é colocado frequentemente a propósito das entrevistas qualitativas, sobretudo, quando se tratam de abordagens não-estruturadas ou semi-estruturadas. A cautela excessiva com a conduta do entrevistador releva deste tipo de preocupação. Para obviar a esse problema, dá-se então preferência a entrevistas padronizadas e aconselha-se o entrevistador a manter uma atitude neutra, o mais imparcial possível, abstendo-se de fazer interpretações, mostrar surpresa, oferecer explicações no momento ou expressar qualquer tipo de sentimentos e opiniões. Ora, a entrevista compreensiva, preconizada por Kaufmann, diz respeito a uma dinâmica inversa: o entrevistador envolve-se activamente nas questões para provocar o envolvimento da pessoa que está do outro lado.
- 28 A perspectiva «neopositivista», segundo a designação de Bertaux [1980], associada a uma lógica estatística baseada em inquéritos por amostragem, tende a encarar o material obtido através das entrevistas como relatos cujo significado depende da sua correspondência com uma realidade factual. “Para os positivistas, a hipótese das respostas poderem ser um produto da situação de entrevista coloca imediatamente em causa a sua validade” [Moreira 1994:146]. Do lado oposto do debate coloca-se a perspectiva que podemos designar por interaccionismo simbólico, a qual considera o contexto de produção da entrevista absolutamente essencial, quer para a qualidade dos dados, quer para a sua compreensão.
- 29 A questão da validade dos dados obtidos através de uma situação de entrevista (compreensiva) não pode ser vista como correspondendo a uma medida estatística, tal como acontece nos métodos quantitativos. A intenção é, muitas vezes, “averiguar que tipo de coisas sucedem mais do que determinar a frequência com que ocorrem aspectos que o investigador já sabe que sucedem” [Loffland 1984 cit. in Moreira 1994: 134]<sup>4</sup>. Um exemplo, da nossa própria pesquisa, diz respeito à repartição das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos que já se sabia ser, de uma maneira geral, desfavorável às mulheres. Interessou-nos, neste caso, analisar os processos, isto é, «como» e «porquê» se chega a esse resultado, bem como o significado que as mulheres e os homens entrevistados atribuíam à divisão sexual do trabalho.
- 30 Em todo o caso, persiste sempre a dúvida que consiste em saber quem e quantas pessoas interrogar. Subjacente a esta interrogação está, mais uma vez, a questão da validade dos discursos encontrados e da sua representatividade. Vários autores referem o conceito de saturação como uma das respostas chave para as questões levantadas [Bertaux 1980, Guerra 2006, Lalanda 1998, Moreira 1994, Kaufmann 1996].

- 31 A saturação é, na concepção de Kaufmann [1996: 104], entendida como um processo baseado na acumulação de ideias e conceitos que se vão tornando cada vez mais claros e articulados entre si; neste processo, as hipóteses vão afunilando e formando um núcleo central, isto é, o modelo teórico atinge a estabilidade e maturidade.
- 32 Segundo o princípio da saturação [Guerra 2006], o investigador que pretende aproximar-se o mais possível da saturação dos casos, ou dos modelos, deverá também tentar diversificar ao máximo os seus informadores. Foi o que procurámos fazer no âmbito da pesquisa efectuada, ao tentar obter uma diversidade de contextos de coabitação e de significados a eles associados, em termos de pertença social, de género, de percursos de vida e até de zonas de residência dos entrevistados. A tipologia que resultou da realidade social em estudo, contendo uma pluralidade de perfis de coabitação, ao mesmo tempo que constitui um *output* da pesquisa construído a pouco e pouco durante e após o trabalho de campo, serviu também como instrumento interno para «testar» a validade dos resultados, e das hipóteses, através de uma progressiva saturação dos casos sem pretensões de exaustividade. Admite-se que outros perfis de coabitação possam ser encontrados em outros contextos de pertença e de identidade como, por exemplo, nas famílias de empresários, em subpopulações específicas como é o caso dos jovens estudantes a residir longe de casa em cidades universitárias ou, ainda, a coabitação de casais homossexuais. Estes últimos foram intencionalmente excluídos da população estudada por uma questão de opção teórica. Já em relação a casais coabitantes recrutados na classe empresarial, principalmente dispondo de capital económico significativo, não se tratou de uma opção dizendo respeito à problemática teórica mas antes de constrangimentos derivados do terreno que impossibilitaram o acesso a esse grupo. Na ausência de uma listagem que pudesse servir de base, como é óbvio, o não conhecimento de situações de coabitação nestes sectores sociais deve-se, em grande parte, aos limites das redes de sociabilidade da própria investigadora e dos seus informantes.
- 33 Os perfis de coabitação identificados, ao princípio fluidos e de contornos imprecisos, foram-se tornando cada vez mais nítidos e estáveis à medida que o trabalho de campo ia avançando e, principalmente, a análise das entrevistas. No final da investigação empírica, houve a sensação de que as últimas entrevistas realizadas não acrescentavam nada, ou quase nada, aos dados já recolhidos, ou melhor, repetiam, embora com variações, determinados perfis de coabitação já detectados. A fase de saturação do material, embora possa provocar, como refere Kaufmann, um sentimento de crescente «aborrecimento» no investigador, uma vez que o modelo teórico é cada vez menos surpreendido com novas hipóteses, torna-se essencial para testar os resultados e avaliar até que ponto podem ser generalizados [Kaufmann 1996: 103]. A este nível, Bertaux considera que a saturação, mais difícil de atingir do que à primeira vista parece, “preenche em relação à abordagem biográfica exactamente a mesma função que a representatividade da amostra do inquérito por questionário” [Bertaux 1980: 208].
- 34 Na medida em que uma investigação é sempre construída a partir de um feixe de hipóteses, conceitos e modelos, a saturação não pode reportar-se ao todo; tal como sinaliza Kaufmann, acontece, não raras vezes, que um modelo ou hipótese central não chega a atingir a saturação. O investigador deverá então “expor os seus resultados com prudência, explicitando que eles necessitam de ser confirmados” [1996: 29].



## 4. O género do entrevistador e outras influências

- 35 A propósito da questão da validade e fiabilidade dos dados, refira-se, em especial, a discussão acerca da influência dos factores ligados ao entrevistador, designadamente a questão do género.
- 36 Mais do que estar preocupado em conservar a distância na relação com o entrevistado como forma de evitar a contaminação dos resultados por efeito das características, pontos de vista e atitudes do investigador, adoptou-se, no nosso trabalho, um posicionamento segundo o qual ao entrevistador “é exigido que interactue com a pessoa que está a ser entrevistada e que entre no mundo dessa pessoa e na sua perspectiva” [Meason 1985 *apud* Moreira 1994: 139]<sup>5</sup>. Nesta linha de ideias, defende-se que a qualidade dos resultados vai depender, em grande parte, da qualidade da relação que se conseguiu criar no momento da entrevista. Por outro lado, “sempre que alguém «se conta», conta-se a alguém em concreto e numa determinada circunstância” [Lalanda 1998: 874].
- 37 Encarar a situação de entrevista como uma relação interpessoal não significa ignorar a já longa reflexão metodológica que incide sobre o problema das múltiplas influências do investigador. Na literatura norte americana enfatizou-se a influência da raça mas também de outras variáveis como a idade, estrato social, religião e sexo [Moreira 1994]. Mesmo as correntes de pesquisa social mais influenciadas pelo interaccionismo simbólico partilham com a perspectiva positivista algumas preocupações de validade. Neste aspecto, foi dada particular atenção ao contexto de entrevista como forma de interacção e à questão das diferenças (e das semelhanças) em relação aos estatutos sociais do entrevistador e do entrevistado, propondo-se como solução para o problema abordagens informais e pouco estruturadas [Denzin 1970, Moreira 1994: 147].
- 38 O sexo do investigador no contexto de entrevista, especialmente quando o tema tem implícitas relações sociais de género, torna-se um problema delicado susceptível de influenciar as respostas dos actores sociais. Hoje em dia, existe uma grande pressão para a igualdade entre os sexos que faz com que pareça mal a manifestação de juízos discriminantes em relação às mulheres, sobretudo em frente de um interlocutor mulher e por parte de entrevistados melhor providos de habilitações escolares, de quem se espera, à partida, um discurso mais igualitário. Uma vez que as entrevistas foram todas realizadas pela investigadora, foi necessário um cuidado redobrado a fim de detectar eventuais mecanismos de ocultação e defesa, em particular nas narrativas dos actores masculinos respeitantes às relações de género no casal. O problema encontrou assim uma resposta parcial nos procedimentos internos adoptados na análise do conteúdo das entrevistas, a partir do confronto entre teoria e empiria, e na tentativa de decifração compreensiva e em profundidade dos discursos, tanto ao nível das representações, mais susceptíveis de serem influenciadas pelo género da entrevistadora, como ao nível dos comportamentos, através da observação, indirecta, das práticas rotineiras do casal, nomeadamente no que toca à divisão sexual dos labores e do trabalho doméstico e profissional. Por outro lado, a «solução» para o problema residiu também, e em larga medida, no confronto e comparação dos resultados da pesquisa com os resultados de outras pesquisas, que utilizando metodologias ora intensivas, ora extensivas, ou as duas em simultâneo, abordaram igualmente o universo dos valores, representações e práticas acerca da família e do casal.

- 39 O problema da interferência do género na entrevista foi discutido a propósito da investigação sobre o casamento em Portugal [Torres 2002]. Uma das questões principais, refere-se à importância ampliada dos estereótipos de comportamento masculino na organização do discurso dos entrevistados do sexo masculino quando é uma mulher a realizar a entrevista. Para obviar a este problema, Anália Torres recorreu, nas suas pesquisas, a entrevistadores do mesmo sexo dos entrevistados. Embora reconheça que esta alternativa produz igualmente efeitos específicos numa situação de entrevista, a autora considera que a informação assim obtida tende a ser mais fiável. Uma segunda questão, não menos importante, que justifica a opção tomada prende-se com o facto de “muitos aspectos referentes a experiências íntimas (...) serem certamente inconfessáveis a uma pessoa de sexo diferente” [Torres 2002: 44].
- 40 Procuraremos discutir de forma breve estas questões reflectindo a partir de alguns exemplos da nossa própria pesquisa.
- 41 Em vez de respostas “mais aceitáveis” por parte de uma entrevistadora mulher, um discurso mais exacerbado em defesa da assimetria de papéis e competências de género pode ser encontrado em meio operário, no caso de um indivíduo jovem e de um outro com mais idade (68 anos), o que não deixou de causar, em relação ao primeiro, uma certa surpresa. Quando seriam de esperar práticas assimétricas, mais ou menos atenuadas, mas representações mais influenciadas pela força crescente do ideal de igualdade, o discurso normativo de António, com 30 anos, pode ser interpretado como um discurso essencialmente reactivo e defensivo face a um interlocutor do sexo feminino. Mas não convém exagerar este tipo de interpretação. A propósito de várias dimensões da conjugalidade, o entrevistado revelou valores e práticas assimétricos de tal modo incorporados que torna inválida a suposição que o seu discurso resulta fundamentalmente do efeito do género da entrevistadora.
- 42 Da nossa experiência do terreno, fica-nos também a impressão de que as dificuldades imputadas aos homens, em comparação com as mulheres, em falar dos territórios da intimidade e das emoções, sobretudo quando se trata de indivíduos com escolaridade baixa<sup>6</sup> que recorrem mais frequentemente a traços estereotipados das relações de género, não são necessariamente ampliadas perante um entrevistador do sexo feminino. Antes pelo contrário, falar de si próprio, contar a sua vida privada, expor «fragilidades» e sentimentos, parece-nos uma tarefa mais difícil numa conversa de homem para homem. Prevê-se até que nesta situação os entrevistados do sexo masculino, dependendo dos meios sociais, tenham tendência para afirmar e exhibir traços da masculinidade hegemónica [Connell 1995]<sup>7</sup>. A pesquisa conduzida pelo antropólogo Miguel Vale de Almeida numa aldeia do Alentejo, região sul de Portugal, mostra-nos, a propósito de uma realidade específica, e utilizando uma metodologia diferente, a observação participante, o processo de construção da masculinidade (hegemónica), que se torna visível na relação que os homens de «Pardais» estabelecem uns com os outros, bem como através da exclusão nos discursos masculinos do universo das emoções. Entendida como modelo cultural ideal, a masculinidade hegemónica ao mesmo tempo que é uma forma de afirmar e manter o estatuto de superioridade dos homens em relação às mulheres, os seus poderes e privilégios, exerce também, segundo o autor, um efeito repressor sobre o comportamento e o discurso masculino, promovendo a auto-censura e formas de policiamento das fronteiras da masculinidade no grupo de pares, isto é, entre homens [Almeida 1995].

- 43 Conforme sublinha Piedade Lalande, a propósito da sua própria pesquisa, “contar-se ou deixar que outros o levem a isso” não é, para as mulheres e para os homens, “tarefa fácil, em parte porque a auto-reflexão é um exercício nem sempre habitual no quotidiano dos indivíduos” [1998: 880].
- 44 Atitudes de maior fechamento, ou mesmo má-vontade em responder, foram detectadas no decurso da nossa pesquisa em um ou dois casos e podem ser explicadas por outras razões que nada têm a ver com a habitual reserva masculina quando o assunto é a conjugalidade e a vida pessoal, supostamente potenciada por um entrevistador do sexo oposto. De entre um conjunto de factores, estão também as circunstâncias em que decorre o recrutamento dos entrevistados. Refira-se, a título de exemplo, um entrevistado com 30 anos de idade, militar da Marinha e com habilitações equivalentes ao ensino secundário. Rui Pedro concordou em ser entrevistado em sua casa, enquanto tomava conta da filha pequena, basicamente porque, viemos a saber depois, não teve «coragem» de recusar o pedido que foi feito nesse sentido por intermédio da mulher de um amigo. É que esta última, técnica de recursos humanos, e também ela entrevistada, proporcionou uma oportunidade de emprego à sua mulher Alexandra como operadora fabril. Para além das diferenças de estatuto sócio-profissional, ambos os casais mantêm entre si uma relação de convívio bastante próxima que certamente pesou na decisão de Rui Pedro em «deixar-se entrevistar», embora nitidamente contrariado.
- 45 Noutro caso, um discurso algo defensivo e uma certa reserva que não se conseguiu quebrar até ao fim de uma longa entrevista, identificado em outro elemento do sexo masculino, desta vez com formação universitária, pensa-se que deverá estar mais relacionado com a afinidade a nível profissional com a investigadora (e o tema da investigação), do que propriamente com o efeito do género. A este nível, a percepção de uma maior exposição, por parte do entrevistado, já que mais facilmente adivinhava, ou julgava adivinhar, as pretensões da entrevistadora e a interpretação dada às suas próprias palavras, contribuiu para manter a resistência a uma maior abertura e espontaneidade das respostas. Esta atitude revela uma preocupação no sentido de proteger a intimidade, e a sua própria individualidade, que traduz, fundamentalmente, pareceu-nos, uma certa resistência a ser classificado segundo as categorias sociológicas, que lhe eram, afinal, familiares. Foi como se o entrevistado jogasse em dois tabuleiros, desempenhando simultaneamente o duplo papel de sociólogo e de actor social, sem nunca se libertar completamente do primeiro. O mesmo aconteceu, aliás, com pelo menos uma entrevistada do sexo feminino com características sócio-profissionais idênticas.
- 46 Outro exemplo, que permite discutir não a questão do género mas da classe social num contexto de interacção, como é o caso da entrevista, é o de Vitalina Matos, a qual vive uma união de facto de longo termo, há cerca de vinte anos, após um divórcio. Notou-se, em algumas partes do seu discurso, tentativas de adequar as respostas àquilo que julgava serem as expectativas e valores da entrevistadora de acordo com a avaliação subjectiva do grupo de pertença da mesma, o qual coincide, aparentemente, com o grupo de referência da entrevistada. Este último assume uma importância fundamental na construção da sua identidade pessoal e social quando se analisam representações e práticas rotineiras. Vitalina, com o ensino secundário, faz parte de um casal dos sectores intermédios, sem filhos, com uma rede de sociabilidades, aspirações e práticas culturais que podemos situar no grupo da pequena burguesia intelectual e científica e, ainda, em sectores melhor posicionados socialmente.

- 47 Este exercício de decifração de eventuais condicionamentos das respostas por efeito das características da entrevistadora, nomeadamente, quanto ao tipo de interação criado, ambiente e contexto de produção da entrevista, podia ser multiplicado com a descrição de outros casos. Ele serve fundamentalmente para mostrar a multiplicidade de variáveis, para além do sexo, influenciando a dinâmica da entrevista e o trabalho de interpretação e descodificação dos discursos que devem ser levados em linha de conta no momento em que se procede à análise dos mesmos. O chamado viés do entrevistador parece, apesar de tudo, ser melhor controlado na situação descrita do que quando se recorre a entrevistadores recrutados. Eventuais inconvenientes de fazer coincidir o sociólogo e o entrevistador na mesma pessoa são largamente compensados pela experiência insubstituível que constitui o contacto directo com a realidade estudada, que permite, entre outras coisas, situar o conteúdo transcrito de cada discurso e fazer comparações entre eles. Além disso, “a gravação não guarda um sorriso ou uma crispação do rosto, uma lágrima ou um simples brilho no olhar ...” [Lalanda 1998: 879].

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABOIM, Sofia, 2006: *Conjugualidades em Mudança. Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa: ICS/ Instituto de Ciências Sociais
- ALMEIDA, Ana, 1993: *A Fábrica e a Família. Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro
- ALMEIDA, Miguel, 1995: *Senhores de Si. Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa: Fim de Século
- AMÂNCIO, Lígia, 1994: *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto: Afrontamento
- BERTAUX, Daniel, 1980: “L’Approche Biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, pp. 197-225
- BERTAUX, Daniel, 1997: *Les Récits de Vie*, Paris: Editions Nathan
- CARVALHO, Paulo de, 2008: *Exclusão Social em Angola. O caso dos deficientes físicos de Luanda*, Luanda: Kilombelombe
- CARVALHO, Paulo de, 2011: “Gangues de rua em Luanda: de passatempo a delinquência”, *Revista Angolana de Sociologia*, 8, pp.129-146
- CONNELL, R. W., 1995: *Masculinities*, Cambridge: Polity
- COSTA, António F., 1992: *Sociologia*, Lisboa: Difusão Cultural
- DENZIN, N. K., 1970: *The research Act*, Londres: Butterworth
- DIAS, Isabel, 2004: *Violência na Família – Uma abordagem sociológica*, Porto: Afrontamento
- GLASER, B. G. & STRAUSS, A. L., 1967: *The Discovery of Grounded Theory*, Chicago: Aldine
- GUERRA, Isabel, 2006: *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*, Estoril: Príncípia Editora

- GUERREIRO, M. das Dores, 1996: *Famílias na Actividade Empresarial: PME em Portugal*, Oeiras: Celta Editora
- KAUFMANN, Jean-Claude, 1996: *L'Entretien Compréhensif*, Paris : Éditions Nathan
- KAUFMANN, Jean-Claude, 2000: *La Trame Conjugale. Analyse du Couple par son Linge*, Paris: Editions Nathan
- LALANDA, Piedade, 1998: “Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica”, *Análise Social*, 148, pp. 871-883
- MOREIRA, Carlos, 1994: *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa: ISCSP
- PATACHO, Pedro M., 2013: “Investigar em Ciências Sociais”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 11, pp. 107-119.
- RODRIGUES, Jacinto, 2012: “Diário de Itinerância: Revisitar Angola em 2009”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 9, pp. 173-184
- SANTOS, Filomena, 2012: “Perfis de Coabitação em Portugal”, *Forum Sociológico*, 21, pp. 117-126
- SILVA, Augusto S. & José M. PINTO, 1986: “A Ruptura com o Senso Comum nas Ciências Sociais” in *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 9-27
- STRAUSS, Anselm, 1992 : *La Trame de la Négociation. Sociologie Qualitative et Interactionnisme*, Paris: L'Harmattan
- TORRES, Anália, 2002: *Casamento em Portugal. Uma análise sociológica*, Oeiras: Celta
- WALL, Karin; Sofia ABOIM & Vanessa CUNHA [coord.], 2010: *A Vida Familiar no Masculino. Negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa: CITE

## NOTAS

1. Investigação que conduziu a uma dissertação de doutoramento, e que teve como principal objectivo mostrar a diversidade dos significados e contextos das experiências de coabitação na sociedade portuguesa; recorreu a 48 entrevistas em profundidade de formato semi-estruturado e chegou a uma tipologia de oito perfis: a coabitação moderna, de transgressão, de experimentação, de noivado, circunstancial, masculina, de tradição e instável [Cf. Santos, Filomena [2008], *Sem Cerimónia nem Papéis - um estudo sobre as uniões de facto em Portugal*, Universidade da Beira Interior. Disponível: <http://ubithesis.ubi.pt/hdl.handle.net/10400.6/654>].
2. Vale a pena referir a maneira como o autor expõe o seu método: “(...) a entrevista compreensiva define uma modalidade (...) da ruptura em oposição, não absoluta mas relativa, com o senso comum, num movimento permanente entre compreensão, escuta atenta e análise crítica. A objectivação constrói-se pouco a pouco, graças aos instrumentos conceptuais (...) organizados entre si, dando a conhecer o objecto da pesquisa de uma maneira cada vez mais distante do olhar espontâneo de origem; mas sem nunca romper totalmente com ele. O que permite continuar a retirar conhecimentos do saber comum mesmo quando a construção do objecto atinge uma dimensão que faz sobressair o seu carácter limitado” [Kaufmann 1996: 22].
3. É nesse sentido que o antropólogo Pina Cabral fala do movimento de des-etnocentrismo como uma tarefa sempre inacabada da antropologia, associada ao método etnográfico, sobretudo, quando o objecto de estudo diz respeito às sociedades não ocidentais [Cabral citado no texto de apresentação de “Fins de tarde com a Antropologia. Conversas sobre arquivos etnográficos”. <http://cria.org.pt/site/eventos/81-eventos-2014-dez/729-fins-de-tarde-com-a-antropologia-conversas-sobre-arquivos-etnograficos.html> . Consultado em 7- 12-2014].

4. Cf. J. Loffland e L. Loffland, *Analysing Social Settings*, Belmont, Cal. Wadsworth, 1984:76.
  5. Cf. L. Measor, "Interviewing: a strategy in qualitative research" in R. Burgess (eds.) *Strategies of Educational Research*, Londres, Falmer Press, 1985: 63.
  6. Estes apresentam geralmente discursos mais curtos e respostas mais sintéticas, mas não menos significativas, comparativamente com os discursos mais longos dos indivíduos do sexo masculino com níveis de instrução superiores. Estas diferenças, ligadas ao maior ou menor poder discursivo consoante os meios sociais, não impede a existência, quer nuns casos, quer noutros, de jogos de ocultação e tentativas de protecção da intimidade. Ann Oakley [1986 cit. in Moreira 1994: 140], vai ao ponto de dizer que "os entrevistados são, por vezes, pessoas com um elevado potencial de sabotagem das tentativas para as estudar".
  7. A "feminilidade normalizada" mas também a "masculinidade normalizada", entendida esta última como masculinidade hegemónica [Connell 1995] induz discursos e práticas em consonância com as representações e expectativas normativas associadas a cada um dos géneros, tal como mostram outras abordagens [Amâncio 1994]. Tratando-se de conceitos relacionais, a masculinidade hegemónica, mais de acordo com traços inclusivos de uma imagem típica de dominância e afirmação da virilidade masculina, inscreve-se em relações de poder/subordinação entre homens e mulheres mas também entre grupos de homens. Connell distingue quatro tipos ou formas de masculinidade: a hegemónica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada [Connell 1995].
- 

## RESUMOS

O artigo analisa, com base num percurso de investigação qualitativa, a importância da entrevista compreensiva [Kaufmann 1996] para a sociologia. Mais do que uma técnica, este tipo de metodologia, de carácter flexível e versátil, está intimamente ligado a uma «sociologia» também ela «compreensiva». Resultado de uma constelação teórica diversificada, a entrevista compreensiva assume o seu modo diferente de construir o objecto sociológico e fabricar a teoria, em oposição ao modelo clássico, e seus derivados, bastante criticado pelos teóricos da etnossociologia. Sobretudo, devido ao uso de metodologias demasiado rígidas e padronizadas, que escondem, muitas vezes, uma interpretação rudimentar, impedem a «descoberta» de novas questões e conduzem a uma «sociologia sem imaginação». Discute-se, ainda, no texto, questões relacionadas com o «princípio da saturação» e o género do entrevistador/investigador, e outras influências, a partir do confronto com a nossa própria experiência no terreno.

The article analyzes, based on my experience of qualitative research, the importance of comprehensive interview [Kaufmann 1996] to sociology. More than a technique, this type of methodology, flexible and versatile, is closely linked to a «sociology» herself «comprehensive». Result of a theoretical diverse constellation, the comprehensive interview is a different way of constructing the sociological object and fabricate the theory, as opposed to the classic model, and its derivatives, rather criticized by ethnosociology theorists. Above all, due to the use of standardized methodologies and too rigid, they hide, often a very poor interpretation, make it very difficult to «discovery» of new questions and lead to a «sociology without imagination». Also discussed in the text, issues related to the «principle of saturation» and the gender of the interviewer/ researcher, and other influences, from the confrontation with our own experience in the field.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa, entrevista compreensiva, etnossociologia, grounded theory, validade, representatividade, género.

**Keywords:** Qualitative research, comprehensive interview, ethnosociology, grounded theory, validity, representativeness, gender

## AUTOR

### FILOMENA SANTOS

Socióloga. Professora auxiliar na Universidade da Beira Interior/Portugal e investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, pólo CIES\_UBI. Licenciada e Mestre em Sociologia pelo ISCTE, concluiu o doutoramento na UBI em 2008 com orientação científica da Professora Karin Wall do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa. Os seus principais interesses de investigação incidem na área da Família, Sexualidade, Género e Metodologias Qualitativas. Bibliografia: Santos, F. [2013]. Without ceremony and without papers. The diversity of conjugal cohabitation in Portugal. *Journal of Education, Psychology and Social Sciences*, vol. 1[1], pp. 31-45. Santos, F. [2012], O Papel da Sexualidade nos Percursos de Formação dos Casais Coabitantes: Género, Mudanças Geracionais e Contextos Sociais in Atas do VII Congresso Português de Sociologia, Lisboa: APS. Santos, F. [2010] “O Abuso Sexual da Criança em Contexto Intrafamiliar” in H. Pereira; M. L. Branco; F. Simões; G. Esgalhado; R. M. Afonso, [Coord.], Educação para a Saúde: Cidadania e Desenvolvimento Sustentado, pp. 900-907, Ed. Covilhã: UBI, ISBN: 978-989-96996-0-1. namesantos@sapo.pt